

 FAMÍLIAS NUMEROSAS

Graça trabalhava na Companhia dos Telefones e foi através do serviço Despertar que estabeleceu contacto com Francisco. Marcou encontro. A ideia era não aparecer mas, 'como ele era giro', apresentou-se

Viver no antigo infantário dos filhos

Começou com uma partida. Quarenta anos depois, **Graça e Francisco Pereira** têm seis filhos e quatro netos e vivem numa casa que foi infantário

Texto de **Liliana Garcia** Fotografias de **Humberto Almendra**

TRÊS meses de namoro, seis filhos e quatro netos. Em Janeiro, Maria da Graça e Francisco Pereira completam 40 anos de casamento. E nunca se arreponderam da rápida decisão de casar. Quem diria que uma mera partida acabaria por pregar uma rasteira ao coração de uma jovem de 19 anos?

Graça, natural do Monte de Caparica, em Almada, trabalhava na Companhia de Telefones de Lisboa e foi através do serviço Despertar que estabeleceu o primeiro contacto com Francisco. Contacto profissional, sujeito a uma brincadeira que Graça, em conjunto com uma amiga, costumava preparar. Marcavam encontros com clientes da companhia e, depois, não apareciam. Deslocavam-se apenas aos locais combinados para, de longe, verem a cara patética dos engana-

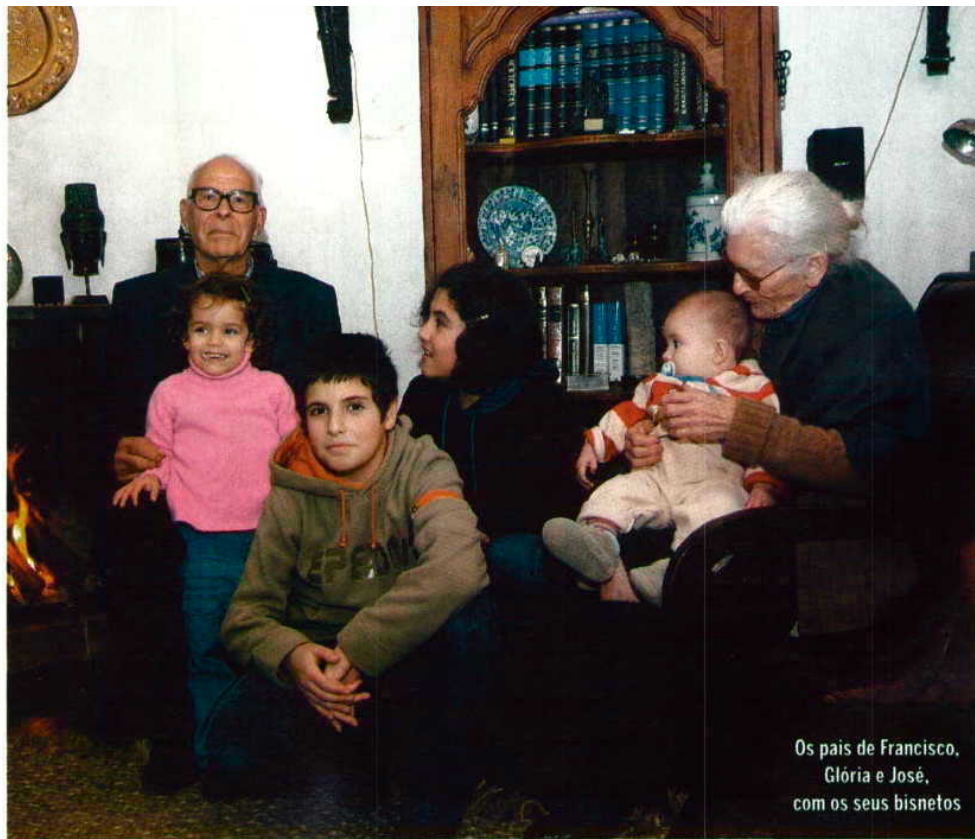
dos. Francisco podia ter ficado pendurado. Mas Graça achou-lhe graça. Marcaram encontro junto à Igreja de S. Domingos, em Lisboa. «**Como ele era giro, decidi apresentar-me**» – relembra Graça.

Nessa altura, Francisco, natural de Midões, no concelho de Tábua, encontrava-se a trabalhar no Laboratório Nacional de Engenharia Civil. Findo o curso industrial tirado em Vi-seu, tinha decidido mudar-se para Lisboa.

Já casado, Francisco foi destacado para a Barragem de Santa Clara-a-Velha, em Odemira. E foi em solo alentejano, em 1968, que nasceu a primeira filha do casal: Paula. Nessa altura, Francisco teve que cumprir o serviço militar obrigatório nas Caldas da Rainha. E entre 1969 e 1971, esteve em Angola. Foi no ano em que partiu para o continente africano que nasceu o filho Francisco. A família →

Os netos de Maria da Graça e Francisco, Carolina e João (na bicicleta), com os dois filhos mais novos do casal, Augusto e Miguel (em pé). Ao lado, a família alargada reunida no exterior da casa





Os pais de Francisco,
Glória e José,
com os seus bisnetos

Em 1983, a loja vendia roupa de Ana Salazar em Canas de Senhorim



mudou-se para o aquartelamento na Fazenda de Santa Isabel, em Quitexe. «**Apesar de estarmos no meio do perigo, foi um tempo bom**», conta Graça. E recorda episódios divertidos vividos em Angola.

Costura e carpintaria

No regresso a Portugal, Graça vinha em avançado estado de gravidez. Sandra nasceu em Almada. Mas três meses depois, a família mudou-se para Canas de Senhorim, vila do distrito de Viseu onde moram há 35 anos. Francisco começara a trabalhar nas Minas da Urgeiriça. Nessa altura, com 28 anos, e em sequência de anginas mal curadas, apanhou uma grave doença renal. A vida esteve em perigo, mas lentamente recompôs-se. «**Andei um ano só a comer ovos, não podia comer nem carne, nem peixe, e não podia apanhar nenhuma infeção**».

Após o nascimento de Sandra, não pensavam em ter mais filhos. O que aconteceu,

durante oito anos. Depois, na expressão de Francisco, vieram os «**filhos da segunda geração**»: Pedro (27 anos), Miguel (23 anos) e Augusto (21 anos). Para ajudar a criar as crianças, a ajuda dos pais foi imprescindível. Os pais dele contribuíam com produtos agrícolas, os pais dela com dinheiro.

Francisco – sem perceber de carpintaria, mas com habilidade para trabalhos manuais – construiu os móveis da casa. Graça, que desde miúda tinha fascínio por trapos, começou a comprar a revista *Burda* e a tirar ideias para fazer a roupa dos filhos. «**Fazia roupa para os meus filhos e para fora. Os meus filhos eram os mais bem vestidos**» – conta Graça, com orgulho.

Em 1983, abriram um pronto-a-vestir. Na loja eram vendidas as coleções de Ana Salazar e Vitamine, o que causou espanto em Canas de Senhorim. «**Diziam ser roupa para malucos**», lembra aquela que foi uma das primeiras mulheres a vestir calças na

vila. A forma arrojada de vestir suscitava comentários: «**Quando cheguei cá, perguntaram ao meu sogro se eu era corista**».

Graça só abriu o negócio porque desconhecia estar grávida de Miguel. «**Se soubesse, nunca teria aberto a loja**». Isto porque considera cruel um bebé ser privado, precocemente, do colo de mãe. Até ao oitavo mês, Miguel e Augusto foram criados debaixo do balcão. Depois, Graça teve que arranjar quem cuidasse dos miúdos. Os mais velhos davam uma pequena ajuda.

Todos os filhos frequentaram o jardim-escola João de Deus, na Urgeiriça, e acabariam por fazer dele, literalmente, a sua casa. Em 1993, quando a Empresa Nacional de Urânio colocou à venda as habitações do designado bairro dos engenheiros, o casal Pereira decidiu comprar a casa que funcionou como infantário. «**Ao início, os meus filhos diziam que o jardim-escola parecia maior quando lá andaram**», diz Graça. 